

___Transcrição do áudio de Nduduzo Siba 🗣️

___Meu nome é Nduduzo Siba, sou multiartista sul-africana, empreendedora e criadora multidisciplinar. Trabalho com dança, fotografia, performance, música e narrativa. Também sou ativista de direitos humanos e sobrevivente do sistema carcerário brasileiro.

___Nasci dentro da cultura Zulu e mesmo vivendo no Brasil há 13 anos, essa identidade continua a orientar a minha forma de criar e existir. Para mim, o traje tradicional Zulu não é figurino, é memória, linguagem e presença. Cresci entendendo que aquilo que vestimos comunica antes mesmo das palavras.

___Na cultura Zulu, especialmente através do trabalho com missanga, a roupa se torna uma forma de

linguagem visual. Ela expressa a identidade, emoção e relação social. A cultura Zulu trabalha com sete cores na base, que formam esses sistemas de comunicação. Essas cores ganham significado através das combinações, criando mensagens que podem ser lidas dentro da comunidade. O desenho também comunica. Certos padrões são associados ao feminino, ligados à oração e à expressão emocional. Outros são associados ao masculino, mais direto e estruturado. Através da cor e da forma, conseguimos compreender o que uma peça está dizendo. Historicamente, esse foi um meio essencial de comunicação, especialmente para as mulheres.

__O trabalho com missanga permite expressar sentimentos e intenções de forma simbólica, transformando o vestuário em uma linguagem viva. Existe também uma dimensão espiritual. Quando

visto um traje tradicional Zulu, eu não estou apenas representando cultura, estou me conectando com os meios ancestrais. Essas peças carregam memória e presença. Elas me conectam à minha linhagem, à terra e aos elementos, trazendo um senso de proteção e alinhamento.

__O traje Zulu muitas vezes é mal interpretado a partir de uma visão ocidental. O que pode parecer nudez não fala da exposição, mas da autenticidade. O corpo para nós faz parte da cultura e da espiritualidade. Como alguém que vive entre a África do Sul e o Brasil, eu sinto a responsabilidade de preservar essa linguagem sem distorção. Adaptar demais é arriscar perder o significado. O meu trabalho é honrar essa linguagem como ela é, vestir essas peças de forma autêntica e educar, e afirmar uma identidade viva. Assim, o passado, o presente e o futuro permanecem conectados.